

Estação Primeira

Mangueira

CARNAVAL

84

Yes,

**Nós temos
Braguinha**



**O POVO
ESTÁ
NAS RUAS**



LEIA

**FOLHA DE
O POVO**

O JORNAL QUE SABE O QUE DIZ

Tels.: 253-9531 — 263-1284 — 253-9591

JÁ NAS BANCAS

MANGUEIRA 84

Samba Enredo

Yes, Nós Temos Braguinha

Autores: Jurandir, Comprido e Já-Já, Arroz e Hélio Turco

Vem ouvir de novo o meu cantar
Veio ouvir as pastorinhas
A luz de um pássaro cantor
Yes, nós temos Braguinha

Bela época
Quando o poeta floresceu
Oh! Meu Rio
Então cantando amanheceu
Num fim de semana em Paquetá
Ouvi carinhoso amei ao luar
Laura... que não sai da minha mente
Morena a saudade mata a gente

Hoje tem fogueira BIS BIS BIS
Viva São João
Mané fogueteiro
Vai soltar balão

Carnaval... O povo vibra de alegria
Ao cantar a tua poesia
Será... que hoje tudo já mudou
Onde andarás o Arlequim tão sonhador
Chora Pierrot... chora
Se a tua Colombina foi embora
Samba... A mulata «é a tal»
Salve a lourinha
Dos olhos claros de cristal

É no Balancê... Balancê BIS
Eu quero ver balançar
É no balanço
Que a Mangueira vai passar

Manga, Mangueira, Verde e Rosa...



«A História do Samba Verdadeiro»

Manoel Tavares

A memória histórica das escolas de samba do Rio de Janeiro, hoje uma atração turística internacional e a mais expressiva demonstração da arte musical (coletiva) do nosso povo, está por merecer um estudo mais preciso e profundo de suas verdadeiras raízes. No caso específico da *Estação Primeira de Mangueira* há uma unanimidade de opinião: o primeiro movimento musical de origem popular do morro nasceu na casa de um modesto cabo-ferrador, o cabo Cândido Tomás da Silva, primeiro morador do lado voltado para a Quinta da Boa Vista. Foi lá que, com ajuda de amigos — gente dos outros lados do morro —, ele fundaria o *Bloco da Velha Guarda da Mangueira*, para muitos, o movimento que geraria os vários grupos que, anos mais tarde, dariam lugar ao *Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira*.

Entre o final do século e o início dos anos 900, os *cordões* eram a grande mani-

festação carnavalesca do carioca, e de 1910 a 1914 — na fase pré-Primeira Grande Guerra — Mangueira se impunha com dois importantes cordões que alegravam as ruas e avenidas centrais: *Guerreiros da Montanha*, sediado na casa de Tia Chiquinha Portuguesa, e *Trunfos da Mangueira*, que se reunia na residência de Leopoldo da Santinha, figura querida do morro, e um dos estimuladores dos movimentos musicais que já se manifestavam no local.

Em 1914 os cordões desapareceram e surgiram os *ranchos* com sua coreografia lenta, sua música dolente e um aparato inteiramente diversos dos cordões e blocos. Na época, Mangueira contava com três ranchos carnavalescos — Pingo do Amor, Pérola do Egito e Príncipe das Matas. Uma coisa ficava patente: o velho morro jamais se desligava da musicalidade popular e das novas ondas que eclodiam e desapareciam. Daí ter aderido ao nascimento de um tipo mais «quente» de participação, os blocos. No morro surgi-

riam muitos e entre eles alguns famosos na época, todos do Buraco Quente. O *Bloco da Tia Fé*, o *Bloco da Tia Tomásia*, e o *Bloco do Mestre Candinbo*. Um nome que jamais poderá ser esquecido na história da Mangueira é o de Elói Antero Dias, o «moleque» Elói, um dos pioneiros na introdução do samba no morro. Pai-de-Santo respeitado nos terreiros, Elói esquentava o samba logo após o encerramento dos rituais noturnos com a participação das laôs e de dezenas de fiéis e adeptos de sua seita.

Em 1918, com o fim da guerra, o mundo foi abalado pelo surto mortal da «gripe espanhola» que matou milhões de pessoas e aqui, no Brasil, dizimou milhares. A «gripe» alastrou-se no morro matando muitos de seus moradores. Após a epidemia, os grupos se refizeram e os blocos, individualizados e com direções distintas, passaram às ruas com música própria. Do morro saíam para se exibir na Festa da Penha e, posteriormente, nas batalhas de confete e no carnaval de rua.

«OS ARENGUEIROS»

Mangueira tem um marco em sua história, o *Bloco dos Arengueiros*. E tudo se conta assim... Em 1925, José Gomes da Costa, o *Zé Espinguela* ou *Zé Spinelli*, como era conhecido no morro, resolveu convocar alguns amigos para formar um bloco. O *Zé Espinguela* não morava na Mangueira (era do Engenho de Dentro), mas não saía de lá. E como resposta recebeu o apoio de alguns «figurações» da localidade: Cartola, Carlos Cachaça, Homem Bom e vários outros moradores do morro. Todos com um objetivo comum, abandonar o bloco da Tia Tomásia. O grupo achava o pessoal do bloco excessivamente comportado. Exatamente o contrário da rapaziada do *Zé Espinguela*, gente brigona, arruaceira e tremendamente na, arruaceira e tremendamente arengueira...

Três anos após a fundação dos «Arengueiros» o bloco já era famoso, não só pelo visual dos desfiles, mas principalmente pelas confusões que arrumava. Brigas históricas, envolvendo o «bando» dos arengueiros.

O saudoso Cartola contava que «a gente saía de manhã, se mandava pelo mundo e só voltava pro morro quando não aguentava mais. Aí, percebi que talvez o grupo pudesse mostrar o samba à cidade, ao povo, de uma forma mais civilizada,



sem pernada e sem navalha», com a força rítmica e coreográfica «herdada do ancestral africano».

E foi com a inesquecível «Chega de Demanda» que o bloco lançou seu brado de guerra: «Chega de demanda, chega! / Com este time temos que ganhar / Somos da Estação Primeira / Salve o Morro da Mangueira.»/

Era a semente atirada no solo fértil. O vírus que contagiaria malandros e trabalhadores, valentes e comedidos, homens e mulheres que, com seu suor e sua paixão pelo samba, eram reconhecidos por todo o Rio como a verdadeira raiz da mais autêntica música de origem negra. Eram os sambistas, os pagodeiros do Morro da Mangueira.

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

O *Grêmio Recreativo Escola de Samba de Mangueira*, hoje a mais querida escola de samba do Brasil, foi fundado em 28 de abril de 1928, na casa do «Seu» Euclides da Joana Velha, pai do João da Cocada. O barraco ficava num dos locais privilegiados do Buraco Quente, na Travessa Saião Lobato, 21, atrás da área onde hoje existe a Escola Municipal «Humberto de Campos». Sete dos integrantes do *Bloco dos Arengueiros* participaram da reunião que deu origem à *Estação Primeira*: Euclides Roberto dos Santos («Seu» Euclides, o dono da casa), Saturnino Gonçalves (Sa-

tur), Marcelino José Claudino (Massu), Angenor de Oliveira (Cartola), José Gomes da Costa (Zé Spinelli), Pedro Caim (Pedro Paquetá) e Abelardo da Bolinha. Todos já falecidos.

O nome e as cores da «escola» foram aprovados no mesmo dia da reunião na casa do Euclides da Joana Velha. E foi o mestre Cartola quem sugeriu. «Estação Primeira porque Mangueira a primeira estação de trem a partir da Central do Brasil, onde havia samba, e verde e rosa em homenagem ao rancho em que seu pai saía, lá em Laranjeiras, o «Arrepiados», contava o grande compositor. «Quando eu escolhi as cores da Estação Primeira eu nem sabia das cores do rancho Príncipe das Matas, que há tinha desaparecido há muito tempo e era coisa lá do pessoal do «Santo Antônio», explicava Cartola, respondendo aos que o acusavam de ter aproveitado as cores do velho rancho.

O primeiro presidente da Estação Primeira foi Saturnino Gonçalves, o *Satur* que tinha como tesoureiro Francisco Ribeiro (Chico Borrão), como secretário Pedro Caim (Pedro Paquetá) e na Direção de Harmonia o imortal Angenor de Oliveira, «Cartola». O orador oficial era Carlos Moreira de Castro, «Carlos Cachaça», uma das glórias da «verde e rosa» da Mangueira.

Criada a escola surgiu o problema: onde ensaiar? Sede já existia. Num terreno do Buraco Quente, na Travessa Saião Lobato, 7. Mais tarde a sede passou para

um terreno ao lado, no 23, mais amplo e mais confortável para os muitos sambistas que já começavam a procurá-la.

Bem, os ensaios, os primeiros ensaios do samba da «Manga»,

foram realizados na casa do Abelardo da Bolinha (era casado com a «Bolinha», conhecidíssima dos moradores do morro). Abelardo era um dos fundadores e sua casa ficava um pouco acima da do «Seu» Euclides. Foi lá que «a escola fez seus primeiros ensaios. No terreno gentilmente cedido pelo dono da casa e aplainado pelos fundadores e primeiros componentes.»

SÍMBOLO DA RAINHA

No início da década de 30, a Mangueira tinha como símbolo uma lira que — por deferência dos seus adeptos — lhe dava a condição de nobreza: Rainha da Música. Depois vieram outros: um violão, um pandeiro, um tamborim, um clarim e até uma águia semelhante a da Portela. A cada ano — produto da idéia de alguém — um novo símbolo era bordado na bandeira da escola. O atual foi idealizado por Beleleu — Manuel Pereira Filho, ex-presidente da escola, já falecido, e foi desenhado por Sinhozinho (Darque Dias Moreira, também ex-presidente), na gestão de Roberto Paulino, nos idos de 1960. Beleleu registrou o símbolo na Censura, passando então a ser definitivo. A *coroa* simboliza Mangueira como a rainha do samba. O *surdo* representa o samba e os louros evocam as (muitas) vitórias da Estação Primeira.

ZÉ COM FOME, O PRIMEIRO

Em 1932, o desfile das escolas de samba foi patrocinado pelo jornal «Mundo Sportivo» e assinalou a primeira vitória da Mangueira. Curiosamente, o samba «Sorrindo», com o qual a escola saiu, levava a assinatura do compositor *Zé Com Fome* que, anos depois, se consagraria como *Zé da Zilda*. Carlos Cachaça foi o autor do samba «Homenagem» de 1933, outra vitória da escola, num concurso patrocinado pelo jornal «O Globo».

Um detalhe importante na história da Mangueira: A escola foi a última campeã dos desfiles realizados na tradicional Avenida Presidente Vargas, em 1973. «Lendas do Abaeté», com samba de Jajá, Manuel e Preto Rico, foi o enredo daquele ano.

«Caramba, caracoles, sou
do samba, não me amoles»

BRAGUINHA

Maurício Azêdo

Ao escolher o tema *Yes, Nós temos Braguinha* para seu enredo no Carnaval de 1984, a Estação Primeira da Mangueira teve em vista oferecer uma reação à onda de descaracterização da cultura brasileira, sitiada pela pressão dos poderosos trustes da indústria fonográfica que, a pretexto de difundir um suposto «som universal», transformaram os países da América Latina num mercado cativo para as suas produções. Com esse enredo, a Estação Primeira dispõe-se a mostrar a riqueza da criação nacional, numa apresentação com cheiro e cores do Brasil, magnificamente expressos por seus ritmistas, seus passistas, suas pastoras, suas baianas.

Se o propósito é esse, nada melhor do que eleger como centro uma das maiores figuras da música popular brasileira, João de Barro, o Braguinha, cuja carreira de mais de 50 anos, iniciada com a sua profissionalização como compositor em 1933, tem as marcas da versatilidade, da fecundidade e da longevidade raramente alcançadas por qualquer outro criador de arte popular. Esse Braguinha agitado, alegre, cheio de vitalidade que o levará a inúmeros bailes carnavalescos neste Carnaval de 1984, é um surpreendente artista que a 29 de março próximo completará nada menos que 77 anos, moldura



cronológica de uma alma e de um corpo de adolescente.

Quando se diz que Braguinha é versátil, as provas podem ser expostas sem a menor dificuldade. Junto com Lamartine Babo, seu mestre, e com Haroldo Lobo, ele forma a grande trindade de autores de músicas carnavalescas. Com diferentes parceiros, e especialmente com Alberto Ribeiro, ele criou composições que resistiram à ação do tempo e, nas ruas e nos salões, fazem a riqueza musical do Carnaval do Rio de Janeiro, decorrido quase meio século após a sua elaboração. *Touradas em Madri*, um dos «clássicos» da canção carnavalesca, que ele compôs com Alberto Ribeiro, foi gravada para o Carnaval de 1938, mas conserva um viço permanente, que a coloca todos os anos entre as músicas mais executadas nos bailes carnavalescos de todo o país. E o próprio, *Yes, Nós Temos Banana* (Yes, nos temos banana/Banana pra dar e vender/Banana, menina/Tem vitamina/Banana engorda e faz crescer), mote do tema-enredo de Mangueira, é uma composição gravada em novembro de 1937 também para o Carnaval de 1938 e dotada de tal vitalidade, de tal frescor, que em fins de 1967 foi regravada por Caetano Veloso para constituir uma espécie de hino do movimento tropicalista, dada a riqueza de sua linha melódica e a irreverência de seus versos.

Arrolar a extensa bagagem de Braguinha excederia os limites deste fascículo de apresentação do Carnaval da Mangueira, mas quem não se lembra de *Pastorinhas*, que Braguinha fez inicialmente com Noel Rosa e depois aperfeiçoou, dando-lhe a eternidade da forma atual; de



Linda Loirinha, Dama das Camélias, Pirata da Perna de Pau, China Pau, Tem Gato na Tuba, Chiquita Bacana, A Mulata é a Tal, Vai Com Jeito, Anda Luzia, para citar alguns títulos de sua criação?

Mas Braguinha não é apenas um carnavalesco, um compositor de época. A riqueza de sua contribuição à cultura do país transcende o campo da música, pois com Alberto Ribeiro ele desempenhou um papel fundamental na sustentação do cinema brasileiro ao longo dos anos 30, como autor da trilha musical da produção nacional da época — os filmes em que o povo brasileiro se via nas telas, como *Alô-Alô, Brasil, Alô, Alô, Carnaval, Estudantes, João Ninguém, Banana da Terra, Laranja da China, Abacaxi Azul*, películas de que, neste país sem memória, não resta um fotograma sequer, à excessão de *Alô Alô Carnaval*,

reconstituído graças à paciência e o amor filial de Alice Gonzaga, herdeira e filha do criador da Cinédia, Ademar Gonzaga.

Múltiplo, polivalente, Braguinha é autor de outras canções inesquecíveis, como um dos mais belos exemplares da canção junina, *Sonho de Papel* (E um balão vai subindo/Vem caindo a garoa/O céu é tão lindo/E a noite é tão boa/São João, São João/Acende a fogueira/No meu coração), um dos mais comovidos poemas musicados de exaltação à beleza natural do Rio, *Copacabana* e uma das mais ternas canções românticas, como *Laura*. É por tudo isso, numa afirmação do que é nosso e da criação de um dos mais engenhosos criadores de música popular do Brasil, que a Mangueira pode proclamar na Avenida do Samba, com o seu canto majestoso, esta verdade que orgulha todos os cariocas: *Yes, Nós Temos Braguinha*.

Descrição do Enredo

«Yes, Nós Temos Braguinha»

Meio século de carnaval. 50 anos de presença e participação na mais importante expressão da alegria de um povo. O autor dos sucessos que ficaram na memória do carnaval carioca, «o maior espetáculo da Terra». A Mangueira foi buscar na figura imortal do compositor João de Barro, Braguinha, o tema central do seu enredo para o carnaval de 1984. O Braguinha parceiro de Noel, de Pixinguinha. O amigo de Ari, de Almirante, de Lalá. Contemporâneo de uma era romântica do Rio dos velhos tempos. Da Galeria Central. Do velho Café Nice. Da malandragem da Lapa. Do Rio dos bondes de cem réis. Da Vila. De Copacabana e Paquetá. Braguinha da Chiquita Bacana. Da Lourinha. E de tantas recordações para os que evocam os tranquilos tempos das décadas gloriosas dos carnavais passados.

Um tema que propiciará à Mangueira desfilar no asfalto da Passarela do Samba com suas coloridas, alegres e contagiadas alas expressando toda a vitalidade da alma das ruas e do povo desta terra. Um mar verde e rosa de agitação, levantando poeira e relembrando os «mil carnavais» do glorioso Braguinha. «Yes, nós temos Braguinha»: Um canto de ternura e fé.

O DESFILE

A Mangueira mostrará três momentos da vida de Braguinha:

Bela Época — Com o despertar da Bela Época nascia para o cenário brasileiro o pássaro **João de Barro**. Ainda muito cedo ele se encantaria pela música, fazendo dela o seu dia a dia. Uma alusão memorável à época em que Braguinha veio ao mundo para se tornar presença eterna.

Festa Junina: Ninguém pode negar a presença marcante de Braguinha na música junina, no folclore musical da fes-

ta dos santos. A evocação do calendário, com Antônio, Pedro e João à frente de tudo. Os balões, as bandeirinhas, casamento da roça, alegria e descontração. A pureza das noites estreladas do **hinterland** com fogueiras, batata doce, milho assado, quentão e o amor da **caboquinha** morena. Um momento divino na música do imortal compositor de brasilidades.

Carnaval — É a parte mais diversificada do desfile 84. Exatamente por tematizar a pujança da música carnavalesca de Braguinha. É no carnaval que ele exalta a vida, a mulher, a brejeirice de nossa gente, com o tempero e o sabor de sua poesia bem brasileira. E aqui são lembrados seus eternos sucessos: «A Estrela Dalva», «Balancê», «Touradas em Madri», «Pirata da Perna de Pau», «Tem Gato na Tuf-a», «China Pau», «Chiquita Bacana», «Pepita Guadalajara» e outros. Uma síntese do «grande carnaval de Braguinha».

A Mangueira vai encerrar o desfile com uma dose (superdose) de saudosismo. Algo que se tornou uma preocupação permanente do «nosso» Braguinha: «Será que o carnaval começa a morrer?». Saudades de uns tempos que já não voltam. De épocas idas e vividas. Das serpentinas. Do confete multicolorido e do lança-perfume de metal dourado. Evocações que o levam a mais uma indagação: «Onde anda a Colombina? E onde andarás seu Pierrot?»

Dentro de tantas incertezas, a Mangueira tem uma resposta para milhões de pessoas que a verão desfilar pela tevê ou das arquibancadas da Marquês de Sapucaí:

«YES,
NÓS TEMOS BRAGUINHA»

(jornalista Manoel Tavares)

Roteiro

1ª Parte: *Romântico* (Nascimento — 1907)

A — «BELLE ÉPOQUE»

Com o despertar da «*Belle Époque*» nascia, no Cenário Brasileiro, o pássaro João de Barro. Ainda bem cedo se encantou pela música e fez dela o seu dia-a-dia e, juntando o seu cantar a tantos outros cantos, encantou o mundo musical com o Conjunto Flor do Tempo que, mais tarde, com um canto ainda mais forte se fez presente no *Bando dos Tangarás*.

O cantar é para ele um desafio constante. E, foi em forma de *desafio* que nasceram esses versos:

«SE QUERES CANTAR COMIGO
VEM CÁ PRA BAIXO PRIMEIRO
ASSIM PARECE GALINHA
CANTANDO LÁ NO POLEIRO.»

B — Imagens de Nossa Terra

«TODOS CANTAM SUA TERRA
TAMBÉM VOU CANTAR A MINHA...»
(MELINDROSAS — 1925)

- O Rio Amanheceu Cantando
- Seu Libório
- Fim de Semana em Paqueta
- Laura
- Carinhoso
- A Saudade Mata a Gente

C — A Saudade de um Velho Calendário: SÃO JOÃO

- Mané Fogueteiro
- Noites de Junho
- Capelinha de Melão

2ª PARTE: CARNAVAL

Exaltação à mulher e ao dia-a-dia de nossa gente.

A Lourinha, a Morena e a Mulata são as tais.

- Pastorinhas
- Balancê

- Yes! Nós temos banana...
- Touradas em Madri
- Pirata da Perna de Pau
- Tem Gato na Tuba
- China Pau
- Chiquita Bacana
- Pepita de Guadalajara

É a saudade de um tempo de lança-perfume e de serpentinas que o leva a perguntar:

- ONDE ANDARÁ ARLEQUIM?
 - ONDE ANDARÁ COLOMBINA?
 - ONDE ANDARÁ SEU PIERROT?
- QUE VIVIAM À PROCURA DE UM SONHO QUE NUNCA SE REALIZOU.

Agora o Carnaval se resume em ver a Escola passar.

- O QUE TERIA MUDADO,
- O MEU CARNAVAL OU EU?

Por tudo isso e por muito mais, resta-nos declarar:
(YES! NÓS TEMOS BRAGUINHA...)

Abre Alas... Estandarte com o nome do enredo Figura Viva José Antônio.

Setor «BELA ÉPOCA»

01. Tripé Mangueira — árvore c/casa João de Barro — pássaro.
02. Comissão de Frente
03. Carro nº 1 — Gramofone.
Ladeado 4 quadripés
Figuras vivas — Destaque: Tânia Scher, Abenaide, Maria Solange, Maria Ramos, Vanda Ferreira, Nádia Richa, Maria Helena A. Vieira, Margarida, Lídia.
04. Alas: Turistas, Aliados, Invencíveis, Gatinhas e G.E.O.K. (fig. 1 e 2)
05. Ala Fidalgos (fig. 3)

06. Ala Águias da Mangueira (fig. 4)
07. Alas Firmeza, Esforçados e Nobres (fig. 5 e 6)
08. Grupo de Destaques
09. Grupo G.A-20
10. Quadripé — «O Jardim» c/5 crianças
Destaques: Marlene Arruda, Tânia Índio do Brasil, Vanusa.
11. 2º Mestre Sala (Robertinho) — 2ª Porta Bandeira (Tidinha)
12. BATERIA (300 componentes)
13. 1º Mestre Sala (Delegado) — 1ª Porta Bandeira (Mocinha)

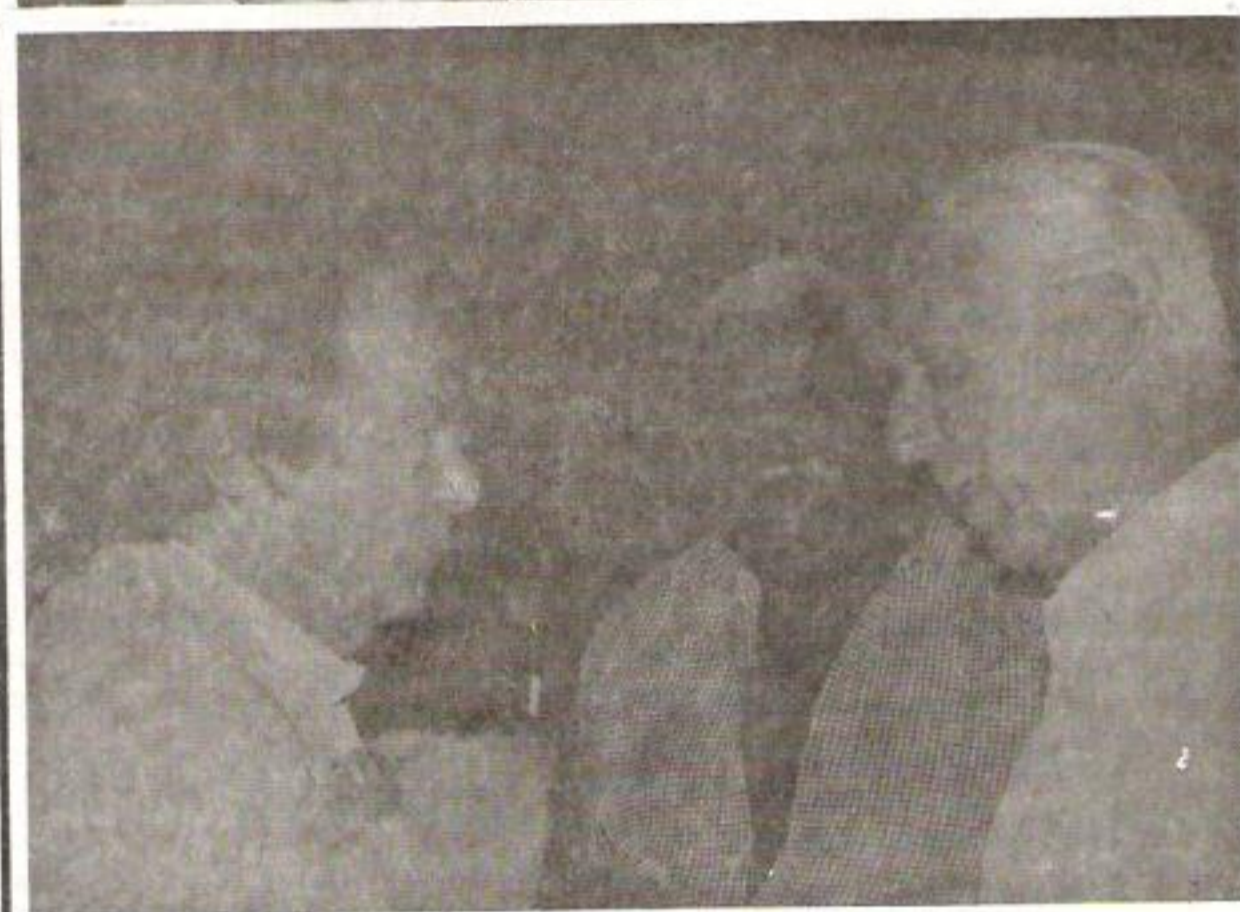
Setor 2 — «FESTA JUNINA»

01. 14 tripés — 07 de cada lado em toda a extensão lateral do setor
02. Os Balões — 02 tripés
03. Ala Mirim (crianças maiores)
04. Alas É com nós mesmos e Mocidade Serena (fig. 01)
05. Quadripé MANÉ FOGUETEIRO
06. Ala Reencontro (fig. 2 e 3)
07. Ala dos Hippies (fig. 4 e 5)
08. O casamento na roça
09. Quadripé (carroça com os noivos)
10. Damas do casamento

Setor 3 — «CARNAVAL»

01. Porta Bandeira e Mestres Sala Mirins
02. Passistas (fig. 1)
03. Quadripé «CARNAVAL»
Destaques: Marlene e musas loiras, morenas e mulatas
04. Ala Mil e uma Noites (fig. 2)
05. Ala Quem não é não se mistura (fig. 3)
06. Ala Cheia de Razão (fig. 4)
07. Alas Menestréis, Ninguém é de Ninguém e Furacão (fig. 5)
08. Alas Deixa Comigo e Barões (fig. 7)
09. Quadripé «ESTRELA DALVA»
Destaques Cotinha e Carlos Victor
10. Ala das Baiãs (fig. 8)
11. Quadripé BALANCÊ (figura viva Gal Costa)
12. Ala Mirim (fig. 9)

13. Quadripé BANANA, MENINA, TEM VITAMINA (figura viva Wilma Dias) ladeando 06 tripés de bananas
14. Ala do Toninho D'Oxossi (fig. 10),
15. Alas Copacabana e Brasas (fig. 11)
16. Ala Eles e Elas (fig. 12)
17. Quadripé TOURADAS EM MADRI (Destaques Sivuca e Sidnei Magal) c/ 3 tripés Viva los Tóros.
18. Ala Sambrasa (fig. 12. 1)
19. Ala dos Duques (fig. 13 e 14)
20. Ala Independência da Bolívar (figs. 15 e 16)
21. Carro nº 02 — GALERA DO PIRATA DA PERNA DE PAU
Destaque Jamil — 14 meninas fantasiadas de piratinhas;
9 figuras humanas e por fora da galera o Rei Netuno
22. Ala Última Chance (fig. 17)
23. Alas Deixa isso prá lá, Nós somos assim, Chove e não molha e Zicartola (fig. 18)
24. Ala Eu quero é mais (fig. 19)
25. Quadripé TEM GATO NA TUBA
26. Ala Flamengo (figs. 20 e 21)
27. Encaixe da Bateria
28. Ala Arma comigo que você sai (fig. 22)
29. Grupo Ouro Chinês (fig. 22. 1)
30. Quadripé PAGODE CHINÊS
Destaques: Marilene, Motta, Terezi-
nha Barbosa, Vanda Alencar e Dario.
31. Ala Só vai quem pode (fig. 23)
32. Ala dos Seresteiros (figs. 24 e 25)
33. Ala Dragões (verde bandeira) (fig. 26)
34. Ala Dragões da Mangueira (fig. 27)
35. Tripé CHIQUITA BACANA
Destaque: Wanda Moreno
36. Ala V.C. entende
37. Ala Comigo ninguém pode (fig. 28)
38. Ala Acauã (fig. 29 e 29. 1)
39. Ala Opção (figs. 30 e 31)
40. Alas Baianas Granfinas, Funcionários, Embaixadores, Príncipes (figs. 32 e 33).
41. Alas Côrte, Mimosas, Depois eu digo (fig. 33. 1)
42. Tripé PEPITA DE GUADALAJARA
43. Alas dos Reis e Grupo Renascença (fig. 34)
44. Grupo dos Artistas (fig. 34. 1)
45. Ala Panteras (fig. 35)
46. Ala Brasinha e Brasões (fig. 36)
47. Passistas
48. Tripé PIERROT — Destaques: Zinha e Toninho D'Oxossi
49. Ala Moana (fig. 37)
50. Alas Impossíveis, Embalo, Caçulinhas (fig. 38)
51. Ala Vendaval (fig. 39)



Samba, Moda, Verão e Carnaval

A Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, recebeu em sua quadra de ensaios, a sociedade carioca, para uma festa, que pela primeira vez, foi apresentada por uma Escola de Samba. A presença de vários artistas e das pessoas mais importantes de todos os segmentos da sociedade, além de um desfile de modas, serviu para abrilhantar ainda mais a festa.

As patronesses foram as primeiras damas, Neuza Goulart Brizola e Célia Alencar.

O vice-Governador Darcy Ribeiro esteve presente e falou para o povo mangueirense.

52. Carro nº 3 — SAUDOSISMO
Destaques: Laerte Rafael e 40 Pierrots
53. Velha Guarda (fig. 40)
54. Puxador Samba Enredo — Jamelão

e Jurandir — Conjunto: Juventude Samba Show.

55. Alas Técnicas — Periquitos, Boêmios, Só para quem pode. ■

Mestre Waldomiro plantou semente no couro do gato

Edson Lobo e José Carlos Netto



Antigamente dizíamos que era o surdo grande que o Mestre Waldomiro mandava retumbar que tornava eletrizantes os componentes da verde e rosa. Mas essa maldita e inevitável morte tirou da gente o nosso magnífico *General*. Foi-se também seu comandante-em-chefe, Saratoga, prematuramente. Mas mestre Waldomiro plantou tudo em solo fértil, e hoje, garbosamente a Bateria da Mangueira está aí de novo. São os galhos da velha Manga dando frutos em profusão.

Diríamos que a Bateria da Mangueira está batendo mais alto, mais forte, enfim batendo o fino. Pudera, é o sangue novo. Lá do alto o Mestre Waldomiro cutuca o Mestre Cartola, e mostra toda sua alegria em observar seu laborioso trabalho que foi em frente. E naquele seu jeitão, o bom Pimenta comenta aqui pra baixo.

— Meninos, quero tudo direitinho. Façam de contas que estou aí com vocês. Daqui

de cima, ao lado do Cartola e Nanau, vou dar uma tremenda força.

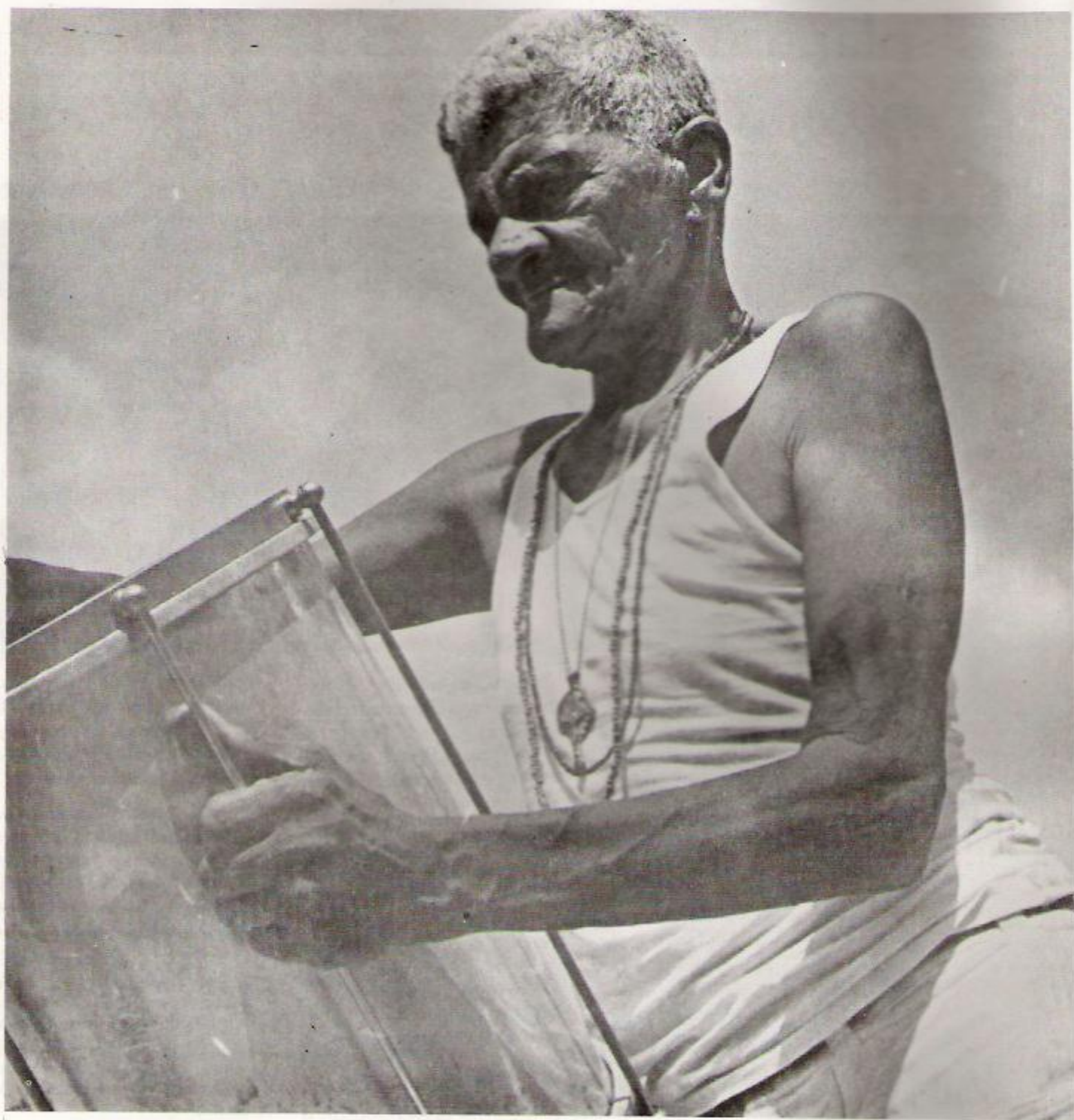
A Estação Primeira é uma escola, e o Mestre Waldomiro ocupou enquanto viveu uma cadeira. Formou os bambas que hoje levam à Passarela o som da Mangueira. E quem era Waldomiro? Vocês sabem? Não. Só um coração verde e rosa é que pulsa no peito quando o surdo ecoa na passarela. Temos orgulho de ser mangueirenses, de ter assistido o Mestre capengar à frente do seu batalhão de ritmistas, com os soldados garbosos. E lá era realmente o grande *General*.

A marcação do surdo mangueirense é original. Dizem os mais antigos que tudo começou nos idos da década de 1920. Existia ali pertinho da Mangueira um quartel. Os meninos do morro ficavam horas e horas assistindo as evoluções da Banda do Quartel, e mais tarde assimilaram aquela marcação no surdo. Observem como o surdo de marca-

ção da verde e rosa é o único que bate diferente neste desfile. E, hoje, mais do que nunca, a Bateria da Mangueira é o coração do samba autêntico.

Num preito de saudade, lembramos alguns que já se foram. Astros de grande talento naquele mundo de surdos, taróis, caixas, tamborins, agogôs, reco-recos. Quem não se lembra de *Valdir Orelinha*? Batia um surdo de matar a pau. E do velho *Batiano*, lá do *Come-e-Dorme de Olaria*? Nos desfiles da Mangueira, o *Batiano* segurava tudo. Sua batida era o toque de reunir da escola.

O endiabrado *Rouxinho* foi outro astro. Baixinho, irrequieto e bom de chinfra, *Rouxinho* marcava o ritmo com sua caixa de repinicar. Seu ritmo falava mais alto quando a bateria entrava em cena. Tantos outros que se foram também mecerem nossas homenagens. Foi através da iniciação de seus ritmistas, que a Bateria da Mangueira conquistou a fama e respeito. Quando o



Mestre Waldomiro criou sua querida Bateria Mirim, pensou longe. Aqui neste desfile o som forte e cadenciado da Bateria da verde e rosa fala mais alto. Ninguém vai precisar perguntar «onde é que estão seus tamborins?» Eles estão aqui batendo firme e dando aquele toque final de empolgação.

Desejamos que vocês rece-

bam a Bateria da Mangueira como a verdadeira rainha desta passarela. Gostaríamos mesmo que observassem que nada mudou. A Velha Guarda está aqui lado a lado com os meninos do Mestre Waldomiro. O ritmo e categoria são exatamente iguais.

Não há diferença na postura desses jovens comandantes. Eles estão aí. *Taranta, Chim-*

bico, Birinha, e, de quebra, Neném Cotó. Em cada um deles existe um Waldomiro. São os *Meninos da Mangueira*, forjados pela batuta do mestre. E lá vai ela, carregando em seu contingente outros Waldomiros. É a gente do morro que bate esse samba forte. Sangue, suor e raça. Vida e morte. Olhos para o futuro. Já dizia o poeta: *A Mangueira Não Morreu e Nem Morrerá.*

Os passos eternos de Delegado e Mocinha

Juvenal Portella

As pernas muito compridas e finas, cobertas com o verde tomado de pedras e miçangas, parecem quebrar-se em tantos pedaços quantos são os movimentos incrivelmente velozes com os quais o negro alto e magro arranca, junto com os aplausos, um uníssono óóó de espanto e admiração.

Seus braços, igualmente muito compridos e finos, agasalhados pelo tecido rosa cheinho de paetês verdes cintilantes, compõem, numa simultaneidade impressionante, dois movimentos distintos: um deles, leque emplumado à mão enluvada, desenha improvisadas figuras no ar servindo ainda de apoio ao restante do corpo entregue ao mágico trabalho coreográfico. O outro braço tem uma função sublime: amparar, na delicadeza de uns tantos gestos, aquela que o acompanha naqueles momentos, não muito longos, de intensa glória. Sua mão, ao mesmo tempo máscula e gentil, toca a dela na condução pela aventura indiscreta da dança.

É noite de domingo, carnaval. O negrinho de camise-



ta rota, que conseguiu iludir a vigilância dos homens da segurança e se meteu num canto na imensa avenida, quase chora num riso largo. A mulher de loiros cabelos sustenta no ar do seu camarote de luxo o copo de uísque e, perplexa, deixa-se fitar a cena. A seu lado, o executivo bem sucedido que daquela noite fez o seu programa, pára de falar e fica a admirar o quadro. É, as classes, as raças, os níveis culturais... tudo se mistura. E os

olhos daqueles sei lá quantos mil homens e mulheres, pedreiros, políticos, jornalistas, profissionais liberais e desempregados, os corações daqueles ingleses, franceses, norte-americanos, argentinos e brasileiros do norte, do sul, do leste, do nordeste, aquele universo de almas, de pretos, de brancos, de mulatos, todos por fim como que caem de joelhos ante a magestade de dois seres humanos que só fazem repetir o que mostram há

30, 40 anos naquele chão da cidade, logo eles, que são lá de cima...

Ela parece sair daquela roupa de fada, muito rendada, bordada e rodada, com a pedraria a cobrir-lhe o busto, a misturar-se à cabeleira que a assemelha a uma dama francesa da pré-Bastilha. E seu corpo é, a exemplo do seu par, vestido de rosa-e-verde, de verde-e-rosa.



Daqui do meu lugar, já habituado a esse presente de Deus, tenho vontade de gritar, bem alto, para que os *gringos* e os brasileiros que não sabem passem a conhecê-los:

— Ei, Égio...

— Ei, Rivaílda...

Deus meu, quanta inocência esta... que Égio Laurindo da Silva, cujos 67 anos ele não revela porque já faz tempo que tem 60 anos de idade... que Rivaílda, filha do seu Agenor de Castro, fundador também da primeira escola de samba da linha suburbana da Central do Brasil, e de dona Isabel, a mulher que bordou a primeira bandeira dessa mesma escola, e cunhada de Raimunda, a primeira porta-bandeira que o morro da Mangueira conheceu... qual Égio e Rivaílda qual nada... estou falando de Delegado e de Mocinha.

O fôlego dele, é verdade, já não é o mesmo desses quase 40 anos que sai na verde-e-rosa dançando de mestre-sala, de balisa. As pernas talvez não desenhem mais bordados como outrora. Talvez que a sua curvatura fique devendo alguma coisa, mas ninguém como ele, nem Noel Canelinha, nem Ari da Portela, nem Niquinho da Capela, nem Benício, nem Élcio PV, nem Bagdá ou Rouxinho e nem mesmo o velho Marcelino,

ninguém, sabe como ele conquistou uma nota dez na noite carnavalesca do domingo: de baixo do delírio de mangueirenses é certo, mas também de portelenses, salgueirenses, imperianos, qualquer um.

Nem se pode esperar que depois de 55 anos desfilando pela escola da sua vida Mocinha seja a mesma, a mesma que há 35 anos dança de porta-bandeira, antes fiel segunda da grande Neide, hoje a primeira. Essa é uma maravilhosa dançarina, que bebê ainda, presa ao pano de costas de dona Isabel, saía com ela na ala das baianas.

Delegado e Mocinha estão, ao que dizem, deixando o lugar para outro mestre-sala, para outra porta-bandeira. Dançam juntos pela última vez para o público e certamente vão dançar como jamais o fizeram, erguendo lá pro alto, com orgulho, a bandeira que honraram tantos e tantos anos. Pela primeira vez, publicamente, eu agradeço a Estação Primeira de Mangueira por ela existir e possuir no seu universo esses santos chamados Delegado e Mocinha para os quais rezo esta oração de amor.

São por coisas iguais a essa que eu entreguei me coração há muito tempo à Estação Primeira e não me envergonho nunca de chorar a minha alegria em tons verdes e rosas. Da minha Mangueira. ■

A harmonia nasceu com Xangô

Sérgio Cabral



No Estácio de Sá, em 1923, nasciam o samba carioca e Xangô da Mangueira. Foi naquele ano, segundo depoimentos dos velhos sambistas, que se ouviu pela primeira vez os sambas de Rubens Barcelos (que morreu jovem, tuberculoso), tão diferentes dos sambas amaxixados que predominavam até então.

Olivério Ferreira, o Xangô, que foi operário, estivador e funcionário do INPS, percorreu a trajetória do samba que nasceu

junto com ele. Menino, tocava surdo e tamborim na Escola de Samba Unidos de Rocha Miranda. Passou, depois, para a Unidos de Madureira, de lá para a Portela e, finalmente, para a gloriosa Estação Primeira de Mangueira, em 1940, levado por Paulo da Portela, que acabara de romper com a direção da sua escola.

Quem dirige, portanto, a harmonia da Mangueira é um personagem com 44 anos de atividade

na escola. Começou ajudando Cartola na direção de harmonia, substituiu Chico Porção como ensaiador e ocupou o lugar dos dois, logo em seguida. Xangô pertence, assim, à segunda geração dos mestres do samba e dele se pode dizer, sem medo de se cometer um exagero, que é um dos inventores da harmonia nas escolas. O que não é nada demais, para um sambista completo: sabe cantar, compor, dançar, tocar instrumentos de bateria e organizar uma escola de samba.

O diretor de harmonia exerce na escola de samba um papel que pode ser comparado ao do técnico de futebol ou do diretor de teatro e de cinema. Ele tem que manter a escola unida, entrosada, compatibilizando o canto, com o ritmo e com a dança, sem sacrificar a criatividade individual dos três mil e poucos componentes da escola. É uma arte difícil, que exige um vigoroso poder de liderança e um profundo conhecimento dos segredos do desfile. Mas em seus 61 anos de vida e meio século de escola de samba, Xangô absorveu a técnica da direção de harmonia e contribuiu com instrumentos hoje indispensáveis a qualquer escola. Foi dele, por exemplo, a idéia de criar na estrutura das escolas de samba, uma assembléia denominada alas reunidas. Graças a esse artifício, ninguém desfila na Mangueira sem saber o seu comportamento durante o desfile.

Convido o público a prestar atenção ao desempenho de Xangô durante o desfile da Estação Primeira. Aquele negro, alto, bigodudo e vascaíno é uma das glórias do samba carioca. ■

MANGUEIRA NOVAMENTE



Olha a Mangueira aí! Lá vem ela jogando água pra todos os lados. Mangueira! Novamente, ora se.

É isso. A verde e rosa está ressurgindo das cinzas, de um período terrível de vacas magras. O que vale é que ela está se preparando para mostrar ao povão daquele mundo de zinco da Visconde de Niterói que este ano a coisa vai. Ora se vai. E, por acaso, não temos segurado o timão mangueirense de homens do quilate de um Manola, de um Zinho, de um Djalma Crioulo?

A Mangueira sempre viveu lembrando o seu passado, as suas glórias primeiras, sem se importar muito com o presente e muito menos com o futuro. Aquelles indefectíveis figurações que se eterniza-

vam no poder, impondo sua presença, contando lorotas, desde os tempos dos *Arenqueiros*, agora, felizmente, estão devidamente enquadrados no *sistema* dominante. Se não estão ajudando muito, pelo menos não estão atrapalhando.

Indiferentes às fofocas, a os bochichos de despeitados e usurpadores do prestígio da velha Manga, os pés-quentes Manola e Zinho e Djalma, com a ajuda de Ogum Magê, vão fazendo das tripas coração para recolocar a verde e rosa no pedestal em que sempre esteve: da vitória.

Está sendo construído ali, na Marquês de Sapucaí, o altar do samba. A Mangueira vai passar por ele como a grande favorita. O seu carnaval é para *nego* algum botar defeito. *Yes, nós temos Bragui-*



nba vai empolgar a galera e os bacanas dos camarotes floridos e perfumados. Manola, Zinho e Djalma Crioulo fizeram uma pré-estréia que deu para entender. As promoções foram sucesso e culminaram com as apoteóticas exhibições de samba no pé, no Meridien, pra estranja ver e espalhar por esse mundo afora. Os gringos só falam na *Mangueira Querida*. E babam na gravata — ou no peito — quando aquelas flores de ébano saracoteiam as cadeiras deixando cair o mais puro samba carioca. Sim, porque samba, mesmo, só o do Rio, ora pô. O resto é remelexo de bumbum que não diz nada e não agita coração de coroa.

Quando eu ouvi o samba da Mangueira no disco das 14 do Primeiro Time, confesso que fiquei meio *cabrero*. Talvez porque dos meus ouvidos ainda não saiu a melodia do *Monteiro Lobato*. Mas, depois, sentindo mais de perto o poder de empolgação que ele tem, realmente passei a considerá-lo de boa qualidade e dentro dos padrões da casa. Penso que vai dar para entender.

Por tudo isso e por muitas outras razões é que volto a afirmar sem medo de errar: Olha a Mangueira aí! Novamente, ora se.

Saravá, Ogum Megê, Saravá. ■

GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA
DE SAMBÁ ESTAÇÃO
PRIMEIRA DE MANGUEIRA

DIRETORIA

Presidente — Djalma dos Santos
Vice-Presidente — Manoel Nunes Areias
Presidente do Conselho Deliberativo e
Fiscal — José Petrus
Secretário Geral — Pedro Paulo Lopes
Secretário — Djalme Torres de Souza

Assessores da Presidência

Alcione Vieira Pinto Barreto
Antônio Petrus Kalil
Cícero Carvalho de Araújo
Dácio de Almeida
Jorge de Andrade Costa
José C. Scafura
José de Vasconcelos e Silva
Sandro Moreyra

Departamentos

- 1 - Finanças: Raimundo de Castro
Danilo London
- 2 - Patrimônio: Jair Campos da Silva
Paulo Roberto Ogliari
- 3 - Social: José Simões Vieira
Jorge Barboza
- 4 - Feminino: Neuma Gonçalves
Euzébia da Silva Oliveira
(D. Zica)
- 5 - Jurídico: Enemésio da Silva Pereira
Jairo Nigrelli
- 6 - Cultural: William Lourenço Braga
Maria Helena Abrahão Vieira
- 7 - Harmonia: Oliverio Ferreira (Xangô)
Alberto Salles Pontes
- 8 - Divulgação: Ubirajara Maximino (Bira)
Wanderley da Conceição
Barbosa
- 9 - Procuradoria: Alcides Evangelista de
Mendonça
Nedir Roberto Moreno
- 10 - Esportes: Marco Antônio Gomes
Agrinaldo Sant'Anna
- 11 - Médico e Assistência Social: Paulo
Lencastre
Jorge
Luiz
Borges
Petrus

Representantes junto à Associação das Escolas
de Samba do Estado do Rio de Janeiro:

- Ed Miranda Rosa
- Gerson Samartino

Assessores de Secretaria e Departamentos

Secretaria — Walter Miranda
Sociais — Ilazir Miranda (Zinha)
Regina Nogueira
Jurídico — Therezinha de Jesus Barboza
Cultural — Marilene Motta Vieira
Divulgação — Lécya Brandão
Procuradoria — Waldir de Almeida
Esportes — Alice de Jesus Coelho

Agradecimentos:

Os nossos agradecimentos as firmas e
pessoas que em muito colaboraram com o
carnaval mangueirense em 1984.

Rio Roupas
Ind. e Com. de Roupas Nagle
Mérídien Hotel
Manoel Duque
Mundus
C.C. Brahma
Antônio Petrus
Aroldo
Raul Capitão

E outros que diretamente ou indireta-
mente ajudaram nossa escola de samba neste
desfile maravilhoso.

Rua do Catete, 228 — Loja D
Tel. 205-1597

Moda masculina

Juca

Centro do Comércio do Catete
Rua do Catete, 228 — Lojas B e C
Tel. 205-4549 — Rio

Joscar
CALÇADOS

Centro de Comércio do Catete
Rua do Catete, 228 — Lojas 121 e 122
Tel. 205-1146

Boutique
Camândua

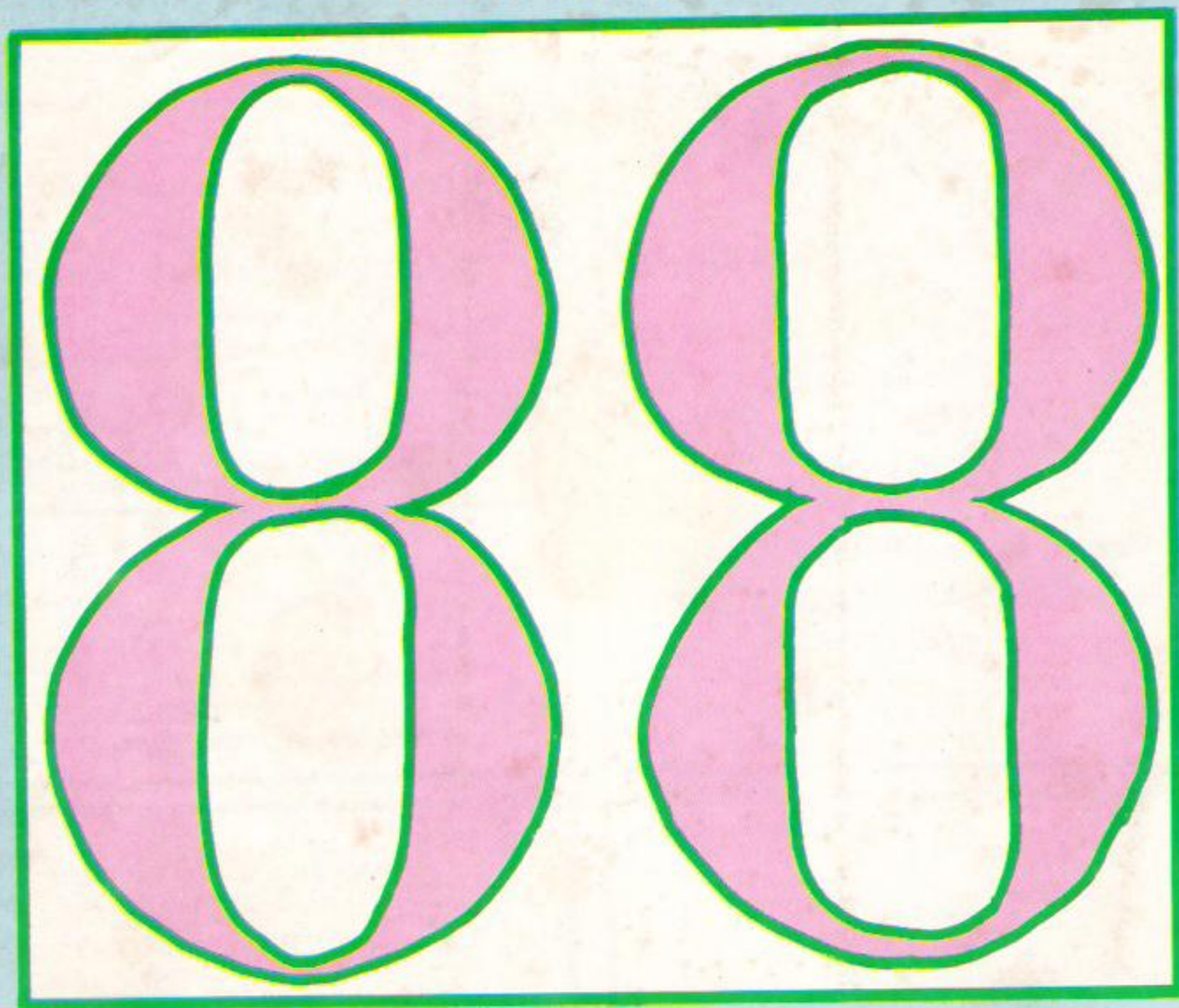
Rua Buenos Aires, 332 sobr. — ZC. 58
Tels.: 224-0896/224-5075
CEP 20.000 — RIO DE JANEIRO, RJ.

pergraf 
FOTOLITOS E ARTES GRÁFICAS LTDA.

Rua Visconde de Santa Isabel, 420
Grajaú — Rio de Janeiro
Tels.: 288-0044 — 288-8221 — 288-8375

GRÁFICA EDITORA 
LIVELU

SARDINHAS



Mantuano S/A Comércio e Indústria de Pesca
Ilha da Conceição, Niterói — RJ



mipesca

Indústria e comércio de pescado s.a.

Eugenio Pezzini Nr. 500 — Fones: 44-2058 — 44-3269
Caixa Postal, 126 — TELEX (0473) 439 MIIC BR — Cordeiros
88300 ITAJAÍ — Santa Catarina — BRASIL
C.G.C.M.F 84 294 586/0001-34 — Inscrição Estadual 250 216655